

Firmas de engenharia se fortalecem e atraem comprador estrangeiro

Firmas de engenharia se fortalecem e atraem comprador estrangeiro

Carmen Lucia Nery

Para o **Valor**, do Rio de Janeiro

O boom no setor de infraestrutura dá novo impulso ao mercado de engenharia, consultoria e projetos. Marca também uma sutil mudança nesse segmento, com o fortalecimento e consolidação das empresas nacionais de maior porte e a chegada de players globais.

O Sindicato das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva (Sinaenco) contabiliza 18 mil empresas. Entre elas, estão algumas que souberam diversificar durante a crise, como a Engevix, Concremat, Promon, Progen, CNEC e Logos. Ganham musculatura para atuar no conceito de EPC (Engineering, Procurement and Construction) e EPCM (Engineering, Procurement and Construction Management) que implica a execução completa de empreendimentos, competindo ou atuando em conjunto com grandes construtoras.

“O grande desafio é a capacitação, pois perdemos muitos quadros para outras indústrias e deixamos de formar pessoal qualificado. Para as pequenas, o caminho é fortalecer-se via consolidação e especialização”, diz João Alberto Viol, presidente do Sinaenco.

É o que está fazendo a Leme Brasil. Com faturamento de R\$ 20 milhões, é especializada em avaliações estruturais em pontes e estádios e atuou na avaliação do Morumbi, Palestra Itália, Maracanã e Engenhão. Agora, foca em outras áreas como gerenciamento de obras, incluindo a gestão social por conta da remoção de comunidades afetadas; e de instrumentação, trabalho realizado nas usinas de Furnas e Itaupa.

Com faturamento previsto de R\$ 670 milhões em 2010, a Concremat tem investido na capacitação por meio de programas de MBA e repatriado experts para atuar em cada segmento de infraestrutura, como portos, energia e transportes. “O PAC 2 reserva 10% dos recursos para projeto e engenharia, o que nos favorece. Temos um perfil bastante diversificado”, diz Mauro Viegas presidente da empresa.

Ele cita o gerenciamento da usina de Jirau e os estudos de viabilidade da hidrelétrica de Teles Pires, no Mato Grosso. Na área de transportes, elaborou o projeto das ferrovias Norte-Sul e Oeste-Leste e está encarregada dos estudos para o plano diretor do Porto de Ilhéus; fez também o projeto para a transposição do rio São Francisco. Na

área de urbanização, gerencia o PAC Favelas no Rio de Janeiro e em Manaus forneceu o projeto do programa de requalificação urbana Prosamim, que visa a erradicação de favelas nos igarapés.

Dentro desse contexto de crescimento, aumenta o interesse de empresas globais por aquisições no Brasil. Num dos lances mais recentes, no início do ano, a australiana Worley Parsons comprou a CNEC, a operação de engenharia da Camargo Corrêa, na segunda onda de internacionalização do mercado brasileiro, que foi palco dos movimentos da canadense SNC-Lavalin, que adquiriu a Minnerconsultinn, e da holandesa Arcadis, que levou a Logos.

“A Worley surgiu como possibilidade de complementariedade de operações, agregando o conhecimento de mineração, exploração e produção de petróleo que buscávamos, e, do nosso lado, energia e meio ambiente”, conta José Ayres de Campos, presidente da CNEC.

O apetite não para de crescer. Eduardo Barella, diretor-presidente da Progen, diz que só este ano recebeu cinco propostas de aquisição, todas rejeitadas. A empresa prefere consolidar-se como grande player nacional.